

VALES, SERRAS, MATAS E OUTRAS ANDANÇAS

CARLOS EDUARDO DE BRITTO PEREIRA

Quando comecei a me interessar por orquídeas, nos anos 80, logo me identifiquei com o gênero *Oncidium*. Naqueles tempos os orquidários comerciais, especialmente os da região serrana dos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo e um outro do Estado de Santa Catarina, dispunham de um grande número de espécies para venda. Assim, de compra em compra, consegui conhecer cerca de 90% das espécies que representam o gênero no Brasil.

A grande variedade de formas, tamanhos e colorido das flores aliada ao vigor da floração fez aumentar o meu interesse pelo gênero, levando à necessidade e à vontade de o estudar profundamente.



Serra do Espinhaço, proximidades de Botumirim

Assim, visitei os principais herbários europeus, onde os tipos da grande maioria das nossas espécies estão depositadas e os herbários cariocas, para ajustar as minhas referências. Mas ainda faltava fotografar e colher material do restante das espécies e examinar muitas flores de várias procedências das espécies já conhecidas, para poder entender a variabilidade inerente a cada uma.

Para conseguir o que faltava parti para o campo. Fiz diversas viagens, sempre acompanhado de amigos, tanto do Rio de Janeiro como do interior e ainda terei que fazer algumas outras. Aliás, gostaria de dizer que, com raríssimas exceções, sempre senti um grande interesse em ajudar e recebi a ajuda de pessoas que, em alguns casos, nem me conheciam e que acabaram ficando amigas. Vou contar, a seguir, alguns episódios pitorescos e alguns infortúnios que aconteceram nessas viagens.

Uma das espécies que me obrigou fazer várias viagens foi o *Oncidium isopterum* Lindl. A planta tipo usada por Lindley para a descrição da espécie no Botanical Register em 1837, foi coletada pela expedição austrí-

aca liderada por Von Martius e Spix. Segundo Martius, a planta foi encontrada florida na primeira quinzena de julho, na etapa da expedição que saiu da Vila do Fanado, atual Minas Novas, em abril e chegou a Montes Claros de Formigas, atual Montes Claros, em outubro.

Esse percurso se dá quase que totalmente na região seca do cerrado mineiro, onde praticamente não se encontram plantas de *Oncidium*, com exceção de espécies que suportam um clima muito seco, como por exemplo o *O. cebolleta* Sw ou espécies que precisam de um pouco mais umidade e podem viver nas matinhas ciliares da região, como por exemplo o *O. cornigerum* Lindl, todas espécies epífitas.

Entretanto, esse trajeto atravessa a Serra do Espinhaço, no pedaço que corresponde a mais ou menos a metade da sua extensão. A serra, onde a vegetação é do tipo campo de altitude, é bem mais propícia à existência de orquídeas, especialmente as terrestres e rupícolas, porque, tendo uma altitude maior consegue interagir com uma parte da umidade vinda do mar. Portanto, foi para lá que me dirigi, ainda porque a conformação do tipo herborizado por Martius indicava que ele deveria ser de uma planta terrestre. A região que foi pesquisada abrange quatro municípios do norte de Minas Gerais, Itacambira, Botumirim, Cristália e Grão Mogol.

Em uma das viagens, na saída de uma dessas localidades em direção a Montes Claros, em um posto de gasolina estavam quatro gerações de



Vegetação de Cerrado - Município de Couto de Magalhães de Minas

mulheres da mesma família, da bisavó à bisneta. Elas fizeram sinal e, quando parei, pediram carona para a bisavó. Disseram-me que ela chorava todas as noites porque queria voltar para casa e não tinha como. De quebra, levei um rapaz que também esperava por carona no posto.

Foi um trajeto de quase 70 km de estrada de terra que se passou sem eu sentir, apesar do calor e da poeira, porque a senhora era bastante eloquente e contou coisas divertidas e com muita graça. Ela era uma senhora simples que trabalhou como carvoeira grande parte da sua vida. Pela sua atividade, quando enchendo os fornos para a queima da madeira para a produção do carvão, ela lidou com aqueles animais venenosos, dos quais queremos distância, como cobras, aranhas e escorpiões. Aliás, cada vez que ela referia-se a esses bichos, ela falava Ave Maria com muita veemência. “Aqui tem muita cobra, Ave Maria!!!”, “outro dia eu quase pisei em um escorpião, Ave Maria!!!”.

Um de seus casos engraçados foi que em uma ocasião, quando ela foi pegar uma tora para colocar no forno, ela deparou com um “carangue-

jo” (aranha caranguejeira, que por sinal são enormes na região) que estava em “pezinha” (ela fez o gesto com a mão arqueada verticalmente ao antebraço) pronta para lhe dar o bote. Como ela estava atenta e deu um pulo para o lado para se safar do caran-



Mata à margem do Rio Jequitinhonha

guejo, a aranha decepcionou-se e ficou com tanta raiva, que morreu de raiva.

Um outro caso foi da sua vida pessoal. Quando tinha doze anos e só queria brincar de boneca, seu pai deu-a em casamento para um amigo, na ocasião um senhor com mais de 50 anos. Segundo ela, essa pessoa foi sempre muito compreensiva com ela. Sendo uma menina casada ela tinha que cuidar da casa, mas como ela mesmo enfatizou, ela só queria brincar de boneca. O tal sujeito ia trabalhar no campo e cabia a ela limpar a casa, lavar e passar a roupa e cozinhar. Contou que punha o feijão no fogo e ia brincar de boneca no terreiro. Como se distraía, invariavelmente queimava o feijão. Quando se dava conta, corria para a cozinha e encontrava os grãos de feijão pulando para fora da panela. Ela ficava apavorada com medo de apanhar. Mas, segundo

ela, o sujeito foi sempre muito bom com ela, já que nunca a espancou.

Passados alguns anos, o pai brigou com o sujeito e ordenou que ela o largasse e voltasse para casa. Como ela era muito grata a ele, decidiu continuar casada, o que lhe custou a proibição do relacionamento com os seus familiares. Mesmo assim ela não se arrependeu e ficou “feliz” casada com o sujeito até a sua morte.

Quando chegamos ao destino, saí do carro para me despedir dela e ela me perguntou quanto custava a carona. Não sabia que a carona era cobrada no norte de Minas e talvez em outros lugares também. Disse-lhe que não custava nada e que, se fosse o caso, eu é que deveria pagar pela animação que ela trouxe à viagem. Então ela me surpreendeu. Ficou com os olhos cheios d’água, agradeceu muito e pegou minha mão e começou a beijar seguidamente. O rapaz mudo entrou e calado saltou, no mesmo lugar.

Uma outra espécie que fiquei procurando por mais de quatro anos foi o *O. fuscans* Rchb.f. Quando finalmente o encontrei, passei a vê-lo frequentemente em diversos lugares. Uma coisa boa foi que na sua procura encontrei o *O. uliginosum* Barb. Rodr. e pude ver que ele é uma espécie válida e não um sinônimo do *O. barbaceniae* Lindl como consta nas poucas publicações que tratam o gênero.

Em uma das viagens, estava em uma pedreira no município de Datas (MG) com um casal de botânicos amigo. Da pedra vi uma matinha de

galeria no fundo do vale. Resolvi descer à mata na esperança de encontrar algum *Oncidium* nela, não o *O. fuscans* que é terrestre. Quando passei da pedra para a campina o capim era baixinho, com menos de 10 cm de altura. A medida que fui descendo, o tamanho do capim foi aumentando, chegando ao meio das minhas coxas na borda da mata.

Ao chegar, ouvi um barulho de passos dentro da mata, como de pisadelas em gravetos. Aí bateu a paranóia. Cismeí que era um tamanduá, já que tinha sido advertido por um mateiro para tomar cuidado com tamanduás bandeira, que eram muitos perigosos. Decidi, então, margear a mata e só entrar nela em um lugar distante do barulho. Assim, andei uns 50 m na direção oposta a de onde vinha o barulho, procurando um lugar longe e mais limpo para entrar. Ao encontrar um lugar “fácil”, dei uma paradinha e, quando por acaso olhei para o chão, vi uma corda esquecida por sobre a relva. Pensei, que sorte, alguém esqueceu essa corda e ela vai me ajudar contra o tamanduá. Abaixei-me para pegá-la e, quando minha mão estava a uns 10 cm dela, vi dois olhinhos pretos e uma lingüinha que balançava. Levei um bruto susto quando realizei que a corda era uma cobra. A cobra também se assustou. Eu pulei para um lado e ela para o outro. Aí pensei! Eu não vou ficar andando por aqui com essa cobra invisível debaixo do capim. Voltei correndo para a pedreira, frustrado por não ter podido entrar na mata. Um dos membros do casal que, por acaso, me viu correndo de volta, quando soube do motivo da

minha disparada, rolou de rir.

Uma outra espécie que procurei erradamente em Minas Gerais, por vários anos seguidos foi o *O. chrysothyrsus* Rchb.f. Erradamente porque na sua descrição vem que ele foi descoberto em São Pedro, o que na minha cabeça significou São Pedro dos Ferros (MG). Acabei conseguindo uma flor dessa espécie que me foi enviada por um amigo paranaense. Depois aprendi que São Pedro era o nome antigo de Estado do Rio Grande do Sul. Não fui a São Pedro dos Ferros, mas fui a várias localidades nos arredores. Em um desses lugares tive um acidente que poderia ter sido muito sério, mas não o foi.

De novo estava em uma pedreira com o casal de botânicos. Era o fim da tarde e já estávamos de saída, quando vi, um pouco acima de onde estávamos, um nicho cheio de plantas floridas de *Laelia*, que decidimos fotografar. Na subida ao local, pisei sobre uma laje de pedra retangular e grande, com mais de um metro de comprimento. A laje escorreu, eu caí e rolei pedreira abaixo, com a laje rolando atrás. Tive uma sensação desagradável de impotência, já que não conseguia parar e nem prever o que iria acontecer. De repente, a pedra parou de rolar e, como por milagre, eu parei também.

Eu uso óculos e estava com a máquina fotográfica pendurada no pescoço. Não quebrei nem um nem a outra, apesar de todos os bicos de pedra por onde rolei, só tendo machucado as extremidades, mãos e pés, que ficaram completamente ensangüen-

tados. Como consequência tive, durante algum tempo, um problema de coluna que me causava lapsos na perna direita, me fazendo perder o equilíbrio enquanto caminhava.

De novo, a esposa do casal, que estava lívida, assistiu a tudo e contou que eu dei uma cambalhota longa para trás, enquanto estava no ar antes de me estatelar no chão, como se eu estivesse fugindo da pedra. Eu não me dei conta de nada e atribuo essa reação à ajuda do meu anjo da guarda.

Uma outra situação de queda que me ocorreu e me aterrorizou, valeu muito a pena. Descobri uma espécie nova de *Oncidium* em um paredão de pedra com uma inclinação de mais de 60°. Do lugar onde estava, vi que se abrisse bem as pernas, poderia pisar em um tufo de capim e alcançar a planta. No que segurei a planta, o tufo de capim cedeu e eu caí. Por sorte caí sentado sobre uma pedra com formato de meia laranja poucos metros abaixo e fiquei oscilando, sem controle, na beirada de um precipício de mais de 200 m. Por

fim a oscilação parou e eu fiquei sentado tremendo durante alguns minutos, até me recobrar e poder sair dali. De novo agradeço a meu anjo da guarda. Dessa vez eu estava só com o botânico do casal, que não estava por perto e que me disse, quando nos reencontramos, que também quase tinha caído no precipício. Era de fato um lugar muito sinistro e perigoso.

Acho que já falei demais. Em todo caso, só para complementar, as experiências de risco relatadas servem para corroborar o que sempre achei e como sempre agi: nunca se deve fazer esse tipo de coisa sozinho. Acidentes acontecem e o acidentado precisa da presença de alguém para o socorrer.

Carlos Eduardo de Britto Pereira
carlosed@int.gov.br



Campo de altitude no município de Itacambira,
MG. *Laelia rupestris*